

Dr. João Francisco Cavaco

Assistente á Faculdade de Sciencias da Universidade de Coimbra e presidente da Federação da Juventude Catholica Portugueza

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Nnmero avulso	60

Acaba de ser posto á venda o

Manual de Adoração ao SS. Sacramento

DO PADRE A. TESNIÈRE

Tradueção do P. José A. d'Oliveira

Magnifica edição. Preço, 300 réis. Pelo correio, 330 réis.

Quem comprar 12 exemplares ou mais, tem o abatimento de 20 p. c., mandando-os procurar ao respectivo deposito, n'esta administração.

... Arte e Religião ...

Officinas de esculptura e entalhador

47, Rua da Fabrilca, 49 — PORTO

*Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas
e todos os mais artigos e aprestos religiosos.
Execução de encommendas para as Provincias,
Ilhas, Ultramar e Brazil.*

PREÇOS E TODAS AS INFORMAÇÕES

Pereira d'Abreu, Filhos

= SUCCESSOR =

José da Silva Franca

CALLOS SÓ OS TEM QUEM OS QUER!

O **Callicida Dias** faz cair os callos por mais antigos que sejam. E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço, pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a *Manuel Joaquim Dias* — VERMOIM — FAMALICÃO.

PENSÃO UNICA EM LISBOA

No coração da cidade, perto da Estação Central do Rocio, a poucos metros da Avenida da Liberdade — na RUA DA ALEGRIA, 90, 1.º — fica esta **Pensão**. E' deslumbrante, soberbo, o panorama que d'ahi se espraia, abrangendo, em semi-circulo, a melhor area de Lisboa, ficando-lhe em meio, essa soberba Avenida, e aos pés uma admiravel encosta de verdura, um bosque frondoso de plantas sempre verdes, sempre viçosas — o Jardim Botânico. Estando no centro da cidade, sentimos nos viver na mais aprazível das quintas. Está continuamente em **ares**, quem alli reside, é uma verdadeira **Estancia** de saúde.

A par d'este bem estar ha uma alimentação pura, sadia, innocente, agradável, natural, sem temperos excitantes, sem ingredientes que tanto envenenam a pobre vida humana! A materia prima, carne, vinho, azeite, vinagre, nada é comprado nos estabelecimentos da cidade, vem directamente da provincia de casa do proprietario, e de casas particulares. E' assim que, estando na cidade, se vive n'uma atmospheria pura e sadia, como na provincia; e como na provincia nos alimentamos tambem.

Tudo isto, que é litteralmente verdadeiro, é coroado por um preço excepcional. E' que a **Pensão**, desejando e querendo ser honesta e seria, aspira a um fim moral e humanitario. Não se admittem senão pessoas honestas, serias, sociaveis. Ha quartos por preços modicos.

1) a provincia deve-se prevenir antecipadamente.

O DIRECTOR — *Padre João Antonio Fidalgo.*

Modo de ajudar á Missa segundo o rito romano. Em latim e português, intercalado de explicações

E DESTINADO ÀS **Catecheses da Doutrina Christã** (Por um Presbytero)

(2.ª edição). Preço 30 réis. A' venda n'esta Administração.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Veloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

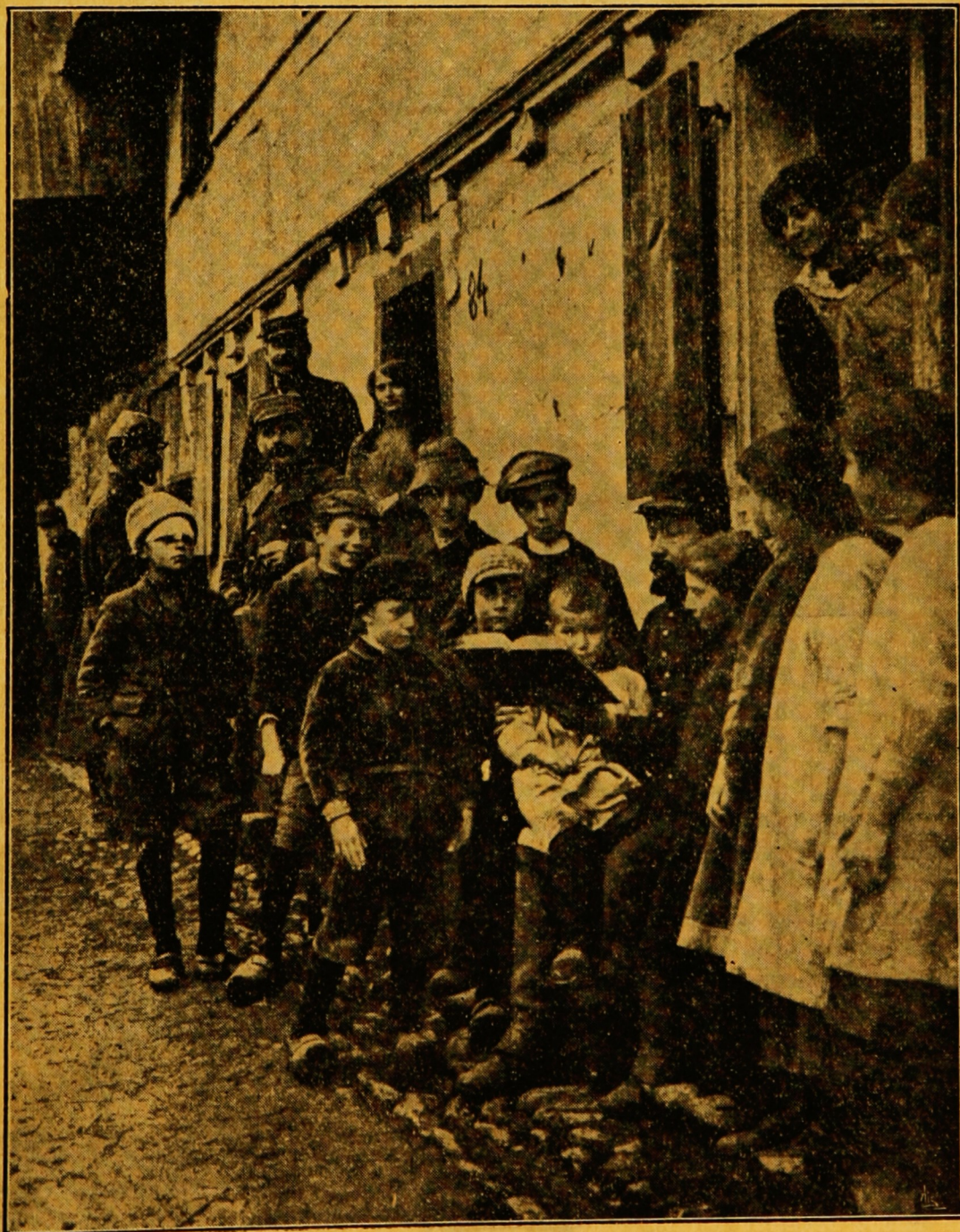
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 9 de janeiro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 80—Anno II



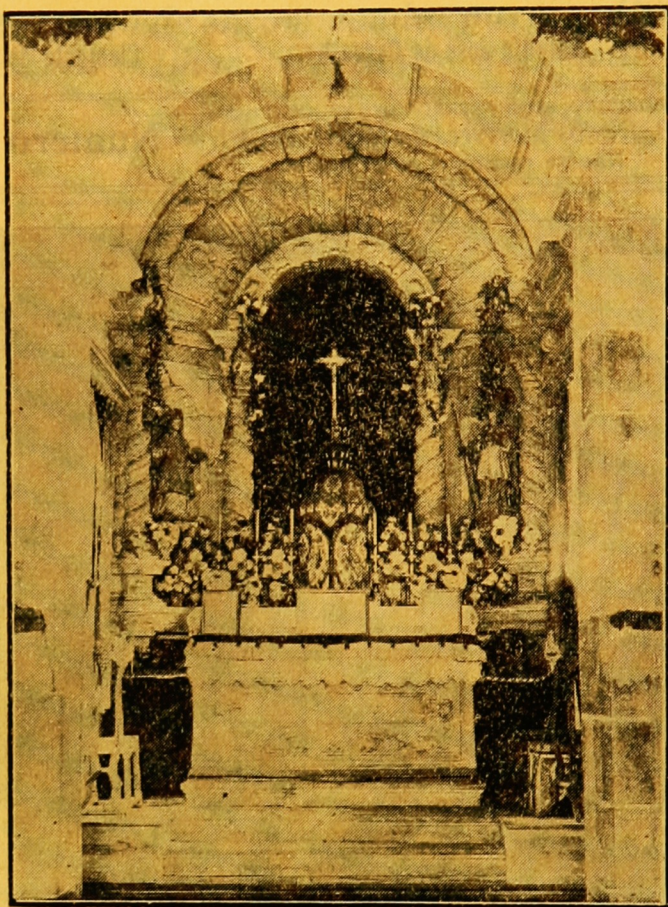
Um soldado ensinando francez a um grupo de pequenos Alsacianos em
Soppe-le-Bas

VIDA INTENSA



O gato do Kaiser, segundo a phantasia bizarra d'um jornalista inglez é um Angorat pachorrento, de pello nedio, olhar brejeiro de philosopho trocista, que passa os dias enrollado, môrno, entre rendas e velludos, indifferente, sem uma predilecção, desdenhoso mesmo, para a caricia amiga, da mão imperial, que todas as manhãs o desperta. Não se lhe pode precisar a idade... O Kaiser teve sempre um gato e as opiniões hesitam, ante a possibilidade de que o bichano seja o mesmo *Angorat* nedio, que Guilherme trouxe do seu retiro de Corfu, ha muitos annos já.

De positivo, sabe-se apenas, que elle compartilha das predilecções do Kaiser e que do seu ninho de rendas tem ouvido todos os segredos, as alegrias, as tristezas e os desesperos, do seu amo e senhor. E' um gato politico, um gato diplomata, que um dia ha-de talvez revelar coisas extraordinarias nas suas memorias, atravez da



GUIMARÃES—Altar-môr da igreja parochial de Santo Estevão de Briteiros. E' toda de granito e de muito valor artistico

phantasia de qualquer jornalista. Alguem, entrevistou um dia o reposteiro carmesim do salão de Tayllerand, e fez ao mundo curiosas revelações. O jornalista inglez não teve pois originalidade entrevistando o gato imperial; não teve originalidade e não teve mesmo successo, porque o bichano foi discreto...

No seu ninho, aconchegado, somnolente, feliz, ouviu, ouviu, sacudiu as orelhas, levantou a pata n'um gesto d'enfado relusindo brejeiro, a pupilla felina, ante a admiração do jornalista, convencido afinal do seu triumpho, recahiu na habitual modorra mas mais indifferente, mais alheado, com desprezo talvez...



Querem agora impingir que a indiferença do gato pela opinião publica, é a mesma olympica indiferença, que o Kaiser dedica á imprensa que o ataca e insulta...

Talvez!... Guilherme II, é certo, que preocupado apenas com o seu plano, absorvido pela sua ideia, caminha por entre insultos e ameaças, direito ao seu fim, com a mesma indiferença do gato, que descança tranquillamente, pachorrenamente, dentro do seu ninho...

E o curioso é que se ninguem até hoje conseguiu arredar o Kaiser da sua conducta, ninguem tambem confessou o mysterioso animal, e uma tarde mesmo, que o jornalista voltou a insistir nas suas perguntas indiscretas, o pacifico bicho, ergueu-se um pouco e rapidamente, arranhou o interlocutor...

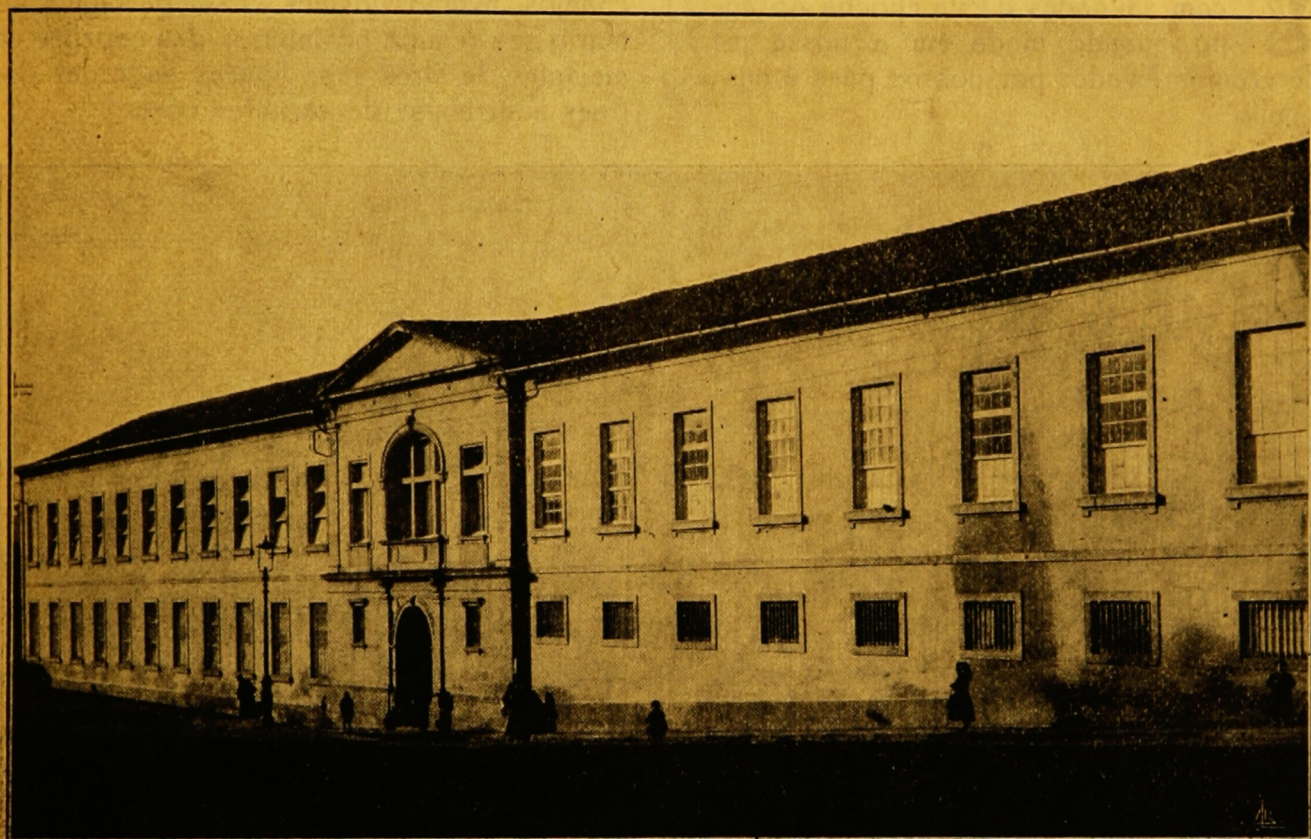
O grão de mostarda



O reino dos céos é semelhante ao grão de mostarda que, sendo a menor das sementes, vem a dar a maior das plantas hortenses, diz o santo Evangelho.

«Reino dos céos» toma-se muitas vezes pela «Egreja do tempo presente», e de suas obras portanto.

Se lhes este titulo quadra á sua, dirão as educandas do *Collegio de Regeneração*, comparando o tempo d'agora com o passado.



BRAGA. Collegio de Regeneração — Edificio do Collegio

A indiferença teve afinal, n'um parenthesis de revolta, um gesto de castigo... A historieta se não tem muito espirito tem pelo menos uma pontinha de moral, que o jornalista ha-de fatalmente constatar no dia inevitavel, em que o Kaiser como o seu gato, faça tambem uma tregua no seu desprezo olympico e comece a castigar... E positivamente, não será bem uma arranhadella de gato, que o jornalista ha de colher...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



E a mostardeira pôde crescer a ponto de n'ella virem pousar as avesinhas do céu.

Da propriedade d'este *simile* ainda em Braga ha de haver quem dê testemunho para confirmar o meu. Porque, ainda conheci o *alfôbre* n'uma casa de campo do arrabalde dos Areaes, D'isso me lembro, por lá ter ido dizer missa ás recolhidas que seriam como *seis* ou *sete*, nos primeiros annos da minha ordenação. E até me lembro de uns pobres pasquins em prosa e verso, com chalaças de curto alcance (obra dos ociosos do tempo) grudados pelas esquinas d'aquelle bairros.

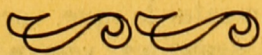
Já lá vão 46 annos bem medidos; pasquins e pasquineiros esqueceram, e o *Abrigo* fundado pelo *Capellão do Carmo* prosperou e medrou apesar dos maiores contratemplos, até da *o Collegio de Regeneração* que todos conhecem.

São assim as obras de Deus nas mãos de seus servos fieis.

Vêde o grão de mostarda feito arvore:

Agora é uma nuvem de avesinhas do céu volitando em volta d'ella para poisarem em seus ramos, que já vergam com o pezo...

M. C.



Natal triste



NÃO ha ninguem que não se recorde com saudades d'esta epocha do anno, quando ainda em a nossa juventude eramos levados por nossos paes á missa do gallo.

com a singeleza do presepio, por isso a festa do Nascimento de Jesus, que veio pregar toda uma religião de bondade, liga-se, casa-se muito mais com a simplicidade do campo.

Noite de Natal! como tu despertas nas nossas almas uma serie infinita de recordações sagradas!

Paginas da nossa existencia, que o vento vae desfolhando sem darmos por tal.

Muito frio e os campos cobertos de neve, como toalhas brancas a taparem os rios, arvores despidas de folhas, troncos de uma alvura encantadora, tudo respirando pureza, tudo cantando alegria. O ar parece purificado pelos anjos que se cruzam no espaço batendo as suas azas côr da neve; as estrellas no firmamento tremulam como cantassem pelas vozes dos archanjos, hymnos joviaes. Esta paisagem festiva tem o seu remate no interior das capellas chamejantes de lares e as figuras sagradas dos vitraes malisam-se de variadas côres.



Collegio de Regeneração—Um grupo de internadas

Esta festa fazia parte da nossa existencia e já dias antes não pensavamos n'outra coisa, e perante a nossa mente, apparecia o altar cheio de luzes, e deitado sobre as palhas, a imagem de Jesus, esse doce Menino que nos enviava do céu para o sapato na chaminé, delicados presentes. Sentiamos uma existencia de mysticismo subtil, que nunca mais era por nós esquecida; os tempos corriam e os Nataes renovavam-se sempre com maior encanto.

Nas cidades o Natal não possui a attracção que tem nas ermidas das nossas aldeias. O bulicio dos grandes centros não se coaduna

Com as orações vão se ligando os canticos do povo que de joelhos venera com a sua alma simples o novo Messias, o Redemptor do mundo; e aos sons do orgão, cantam:

«Jesus, vós sois todo amor, e ternura, servir-vos e amar-vos é summa ventura.»

«O menino está dormindo nos braços da Virgem pura, os Anjos lhe estão cantando: Hosanna lá na altura!»



Collegio de Regeneração—As Internadas costurando

Pelas serras echoam os sinos que fazem
dlin, dlin
dlão

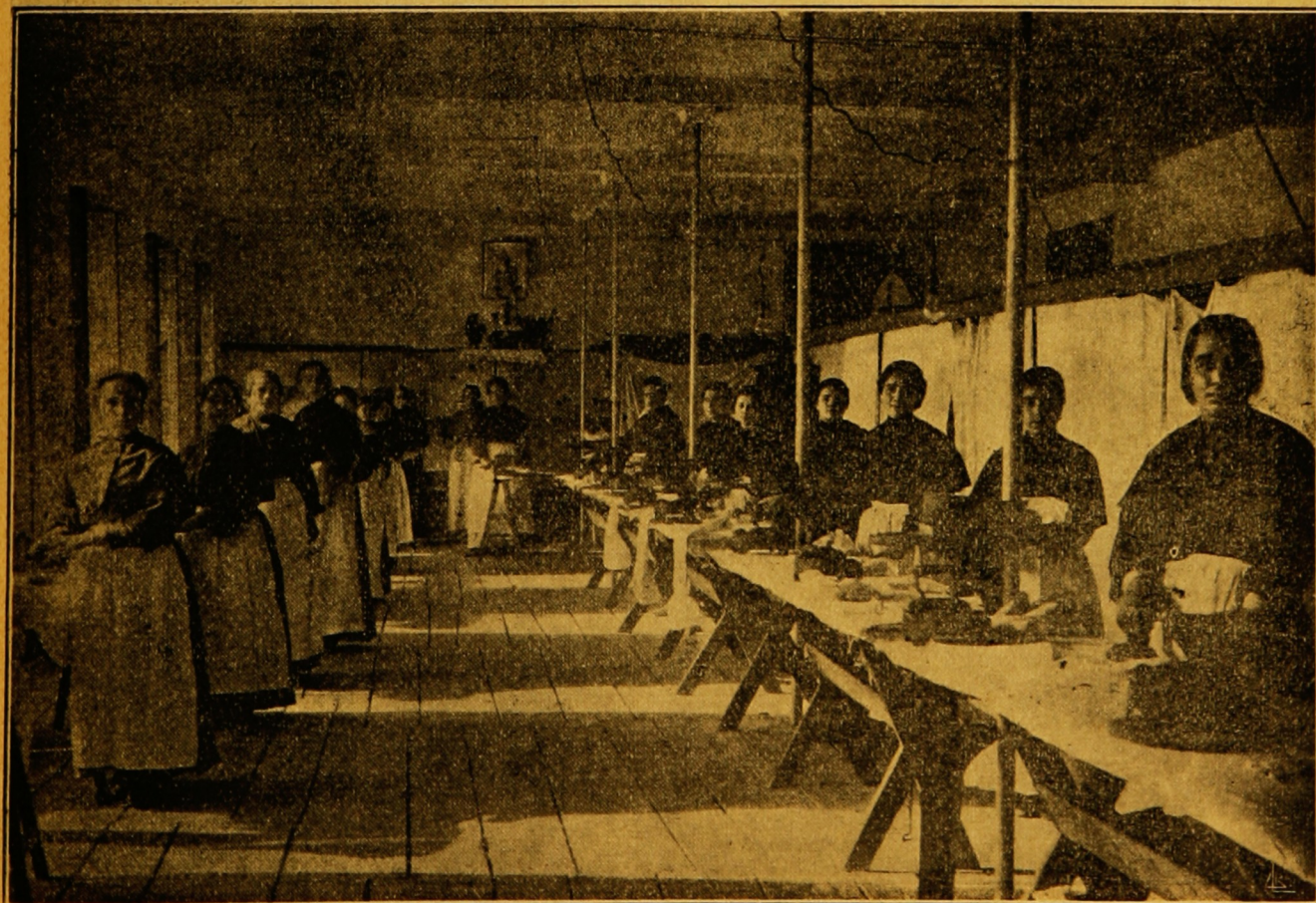


Como será o Natal por essas cidades, vil-
las e aldeias onde as garras aduncas da guer-
ra rasgam milhares de victimas?

Como será triste o Natal para essas crean-
ças já orphãs, sem paes?!

Quantas capellas destruidas, quantos tem-

Noite de Natal! Noite de Natal! como te
bemdigio em toda a tua uncção e bellesa!



Engommadeiras

Illustração Catholica

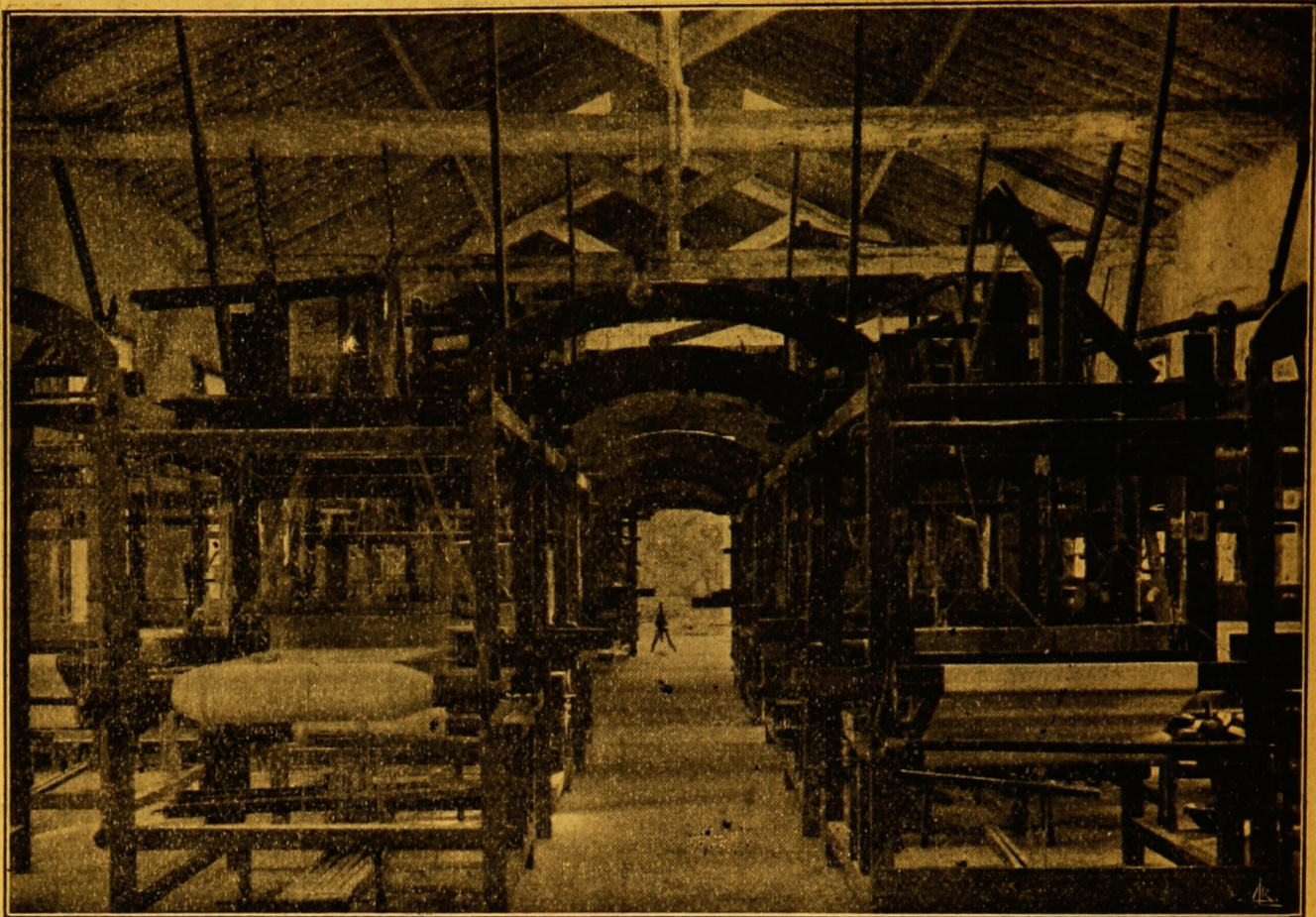
plos devastados. quantas igrejas profanadas!

N'estas já não brilham as velas ao redor do berço de Jesus as preces, os canticos cessaram de todo. Reina o silencio tenebroso por entre as ruinas, cavernas escancaradas pelas

granadas e enegrecidas pelos incendios devastadores!

Triste Natal, o d'este anno!

Quando a Igreja festeja o nascimento do Divino Fundador da paz e do amor perante todos, andam os povos em lucta terrivel de san-



Officina interna de tecelagem



Officina externa—Escola de tecelagem



Collegio de Regeneração—Officina de sapataria

gue, espalhando a desgraça, a miseria e a Dôr!

Quantas familias agora a chorarem, quando o anno passado tiveram o Natal cheio de alegria!

Natal! Natal! Este anno appareces triste e

quantos se approximarão do teu altar vestidos de luto, orando pelas almas dos seus mortos! Triste Natal!

Lisboa 20—XII—914.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



Aula de desenho industrial e ornato

Os Santos Innocentes



“**F**LORES dos martyres que apenas desabrochadas o ferro do tyranno vem ceifar, tal como o furacão desfolha pela manhã, as rosas...”

Foi n'estes termos que em pleno seculo IV, o poeta Prudencio, saudou os Santos Innocentes, modelos de creanças antes do apparecimento do Christianismo.

Na manhã d'esta festa dos pequeninos, para melhor comprehender o que devem ao Salvador, façamos um pouco de historia...

Em Roma, na sua brutalidade primitiva, o patrio poder resume-se n'estas tres proposições: O pae de familia é o chefe supremo do culto domestico; os filhos familia são, como os escravos incapazes de terem um patrimonio, tudo o que adquirem fica em proveito do pae: a sua pessoa physica está á disposição do *pater-familias* que pôde espanca-los, prendê-los, vendê-los e mata-los.

Na Grecia, o direito de vida e morte do pae sobre o filho tambem teve applicação. Os doces lamentos de Ephigenia, dirigidos a seu pae Agamenon que a destina é morte, no-lo estão a dizer. «O' meu pae, se eu tivesse a encantadora voz de Orpheu para arrastar atraz de mim os rochedos e encantar pelos accentos da minha voz tudo o que eu quizesse, recorreria agora a este meio. Mas por unica sciencia trago-te apenas as minhas lagrimas. Como ra-

mo de supplicas, estreito contra os teus joelhos este corpo que para tua alegria minha mãe lançou ao mundo. Não! Não! meu pae, não me dês a morte antes de tempo; é tão doce vêr a luz!...»



C. de Regeneração—Grupo de professoras internas
No primeiro plano, ao centro, a distincta poetiza A. G.
(collegial n.º 105)



No refeitorio

«Não me faças descer às subterreas moradas. Sou quem primeiro te chamou pelo nome de pae e tu chamaste-me tua filha; quem, assentada sobre os teus joelhos, te deu e recebeu de ti ternas caricias. E tu dizias-me:

— «Eu hei-de vêr-te, ó minha filha, na casa d'um esposô, vivendo feliz e florescente, como digna de mim?» E eu respondia-te, suspensa do teu pescoço, cingindo a face á tua barba que a minha mão ainda agora está cofiando: «E eu, qual será então para ti o meu voto? Na tua velhice, ó meu pae, eu hei-de receber-te na minha casa com doce acolhimento! Eu hei-de curar todas as penas que soffreste ao educar-me! Guardo ainda a recordação d'estas palavras, mas tu, tu esqueceste-as e queres matar-me!»

os poemas e narrações de guerra para verificar que a destruição dos filhos dos inimigos era considerada como uma das fataes consequências da victoria.

Herodes foi, por fim, o monstruoso desfecho da tradição pagã a respeito dos filhos.

Começou por mandar matar successivamente os seus, Alexandre e Aristobulo...

O Evangelho dos Santos Innocentes marca uma data no mundo: fecha a série dos assassinios legaes das creanças. Uma creança divina nasce, e não arrasta sómente apoz si «o terno rebanho das victimas de Bethlem,» traz a libertação da infancia. A auctoridade do pae, de força e oppressão que era, torna-se poder de protecção. Facil é seguir no direito romano as manifestações d'esta infiltração christã. Adriano



O Natal no Collegio de Regeneração

Eis a lamentação de todos os pequeninos innocentes sob a lei de ferro da antiguidade. O côro que na peça de Euripides, traduz o sentimento popular, não se revolta contra a cruel acção do pae...

O sabio Solon prohiibe ao pae que mate seu filho. Mas não ousou ir mais longe: deixou-lhe ainda o direito de o expor.

Se tal era a condição da creança nos mais polidos povos da antiguidade que dizer da miserima situação em que ella se achava entre os selvagens e os povos mais rudes? Sparta impunha ao pae o dever de sacrificar os filhos enfermiços. A pratica da exposição dos filhos estava espalhada por toda parte. Basta abrir

encarregou os funcionarios publicos de punirem o arbitrario exercicio do patrio poder. A sua constituição encerra este novo considerando: «*patria potestas in pietate debet, non in atrocitate, consistere*, o patrio poder deve consistir na affeição paternal e não na crueldade.»

Constantino submete á pena dos parricidas, o pae que matar seu filho sem auctorisação dos magistrados. Caracalla e Diocleciano declararam nullas as vendas de creanças. Justiniano acaba por prohibi-las completamente.

E o maravilhoso, o *divino*, d'esta transformação do patrio poder antigo no patrio poder christão, é que a auctoridade do pae, transformando-se; não diminue, augmenta: não tem por

base só o nascimento, a força, a experiência, appoia-se na propria auctoridade de Deus. E d'esta elevação da auctoridade paterna, a comparação da litteratura antiga com a litteratura christã fornece-nos uma prova eloquente.

As palavras de Heitor a seu filho nos braços de Andromaca são heroicas, mas elle

não o abençoa. Priamo, o mais sublime dos paes que a antiguidade nos aponta, anima Heitor ao combate, mas não o abençoa. Eneas leva seu velho pae aos hombros por entre as ruinas da deslocada Troia, Eneas é o melhor dos filhos, e no entanto Anchises, ao morrer, não lhe lança a sua benção...

Só a religião do verdadeiro Deus, no Antigo e Novo Testamento, achou este gesto sublime da benção paterna que engrandece o pae e faz curvar a frontê humilde do filho.

A Queda de Priamo "Hábito" Composição de João Serrão

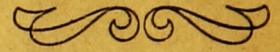
Linha de Cantor de S. João de Deus do Colégio de Regeneração

Companha as a - ver, nubes em Jes - xus. Brillam as ro - sas nos resci - rais. João ba - tis - ta
 xô - ra pae do qüestor. Sei o des - prezo do pae. Não nuna qua - dral maravi -
 llosa. Não oprimo da Resurreição. Bendita a di - na do Sa - cre - do - sa. Bendita e

... não o abençoa.

As creancinhas de hoje devem festejar os Santos Innocentes. Jesus libertou-as da oppressão antiga, mas não as subtrahiu á obediencia: antes pelo contrario, deu-lhes um admiravel exemplo d'ella. E é bom que as creancinhas de hoje o não esqueçam...

H. R.]



Algumas internadas do Collegio de Regeneração nos serviços do quintal



No jardim do Collegio de Regeneração... colhendo camelias



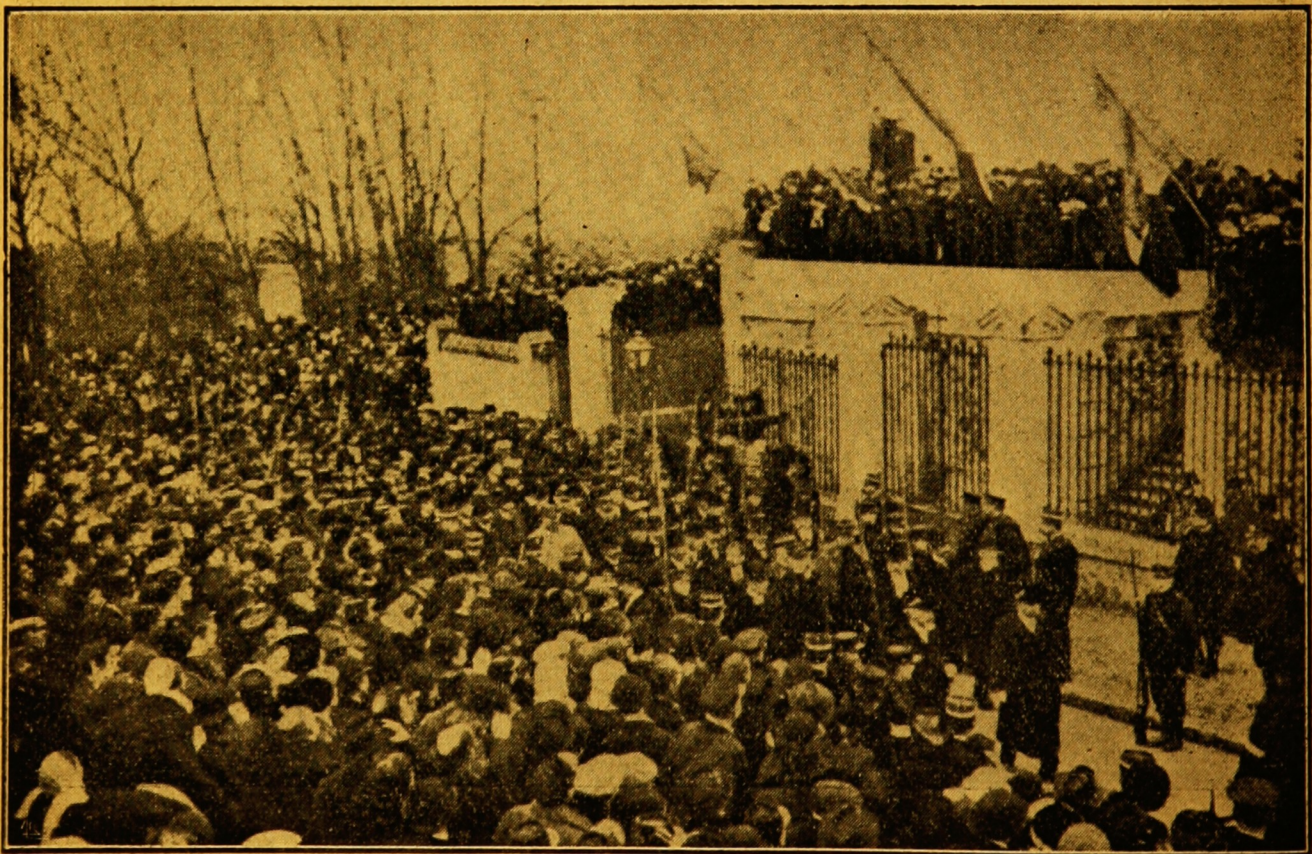
Alumnas externas da officina de tecelagem, comendo o caldo, que o Collegio Ihes dá caridosamente



Notas do Estrangeiro



ALLEMANHA—Entrada solemne do Bispo de Breslau na capital da diocese

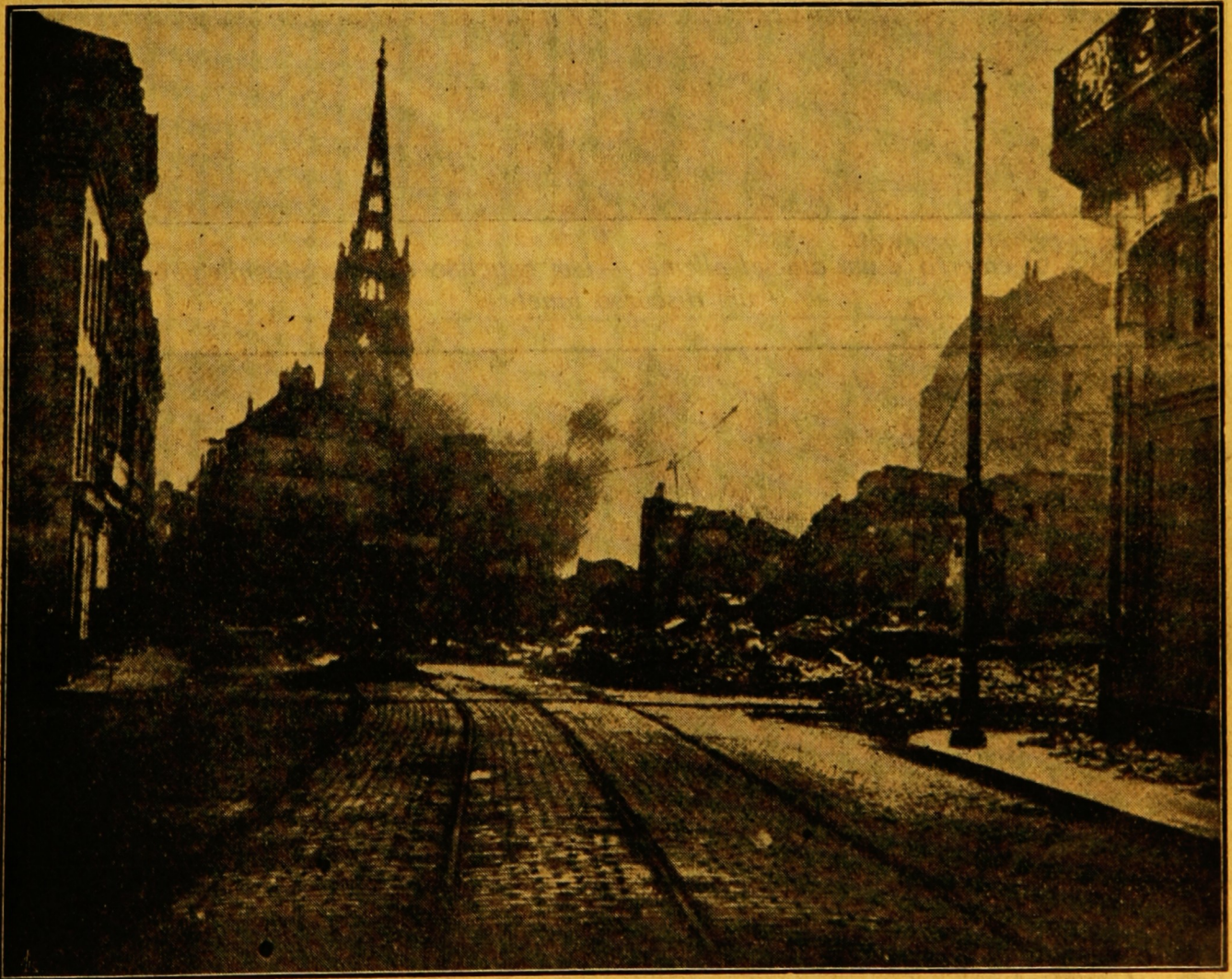


FRANÇA—Commemoração da batalha de Champigny em Paris. O povo diante da tribuna presidencial

A Guerra Europeia



FRANÇA— Uma alsaciana, no seu costume tradicional, aparece aos automobilistas militares que conduziram o ministro da guerra a Montreux-Vieux



A destruição de Lille—Aspecto actual da importante cidade, um dos mais ricos centros industriaes de França

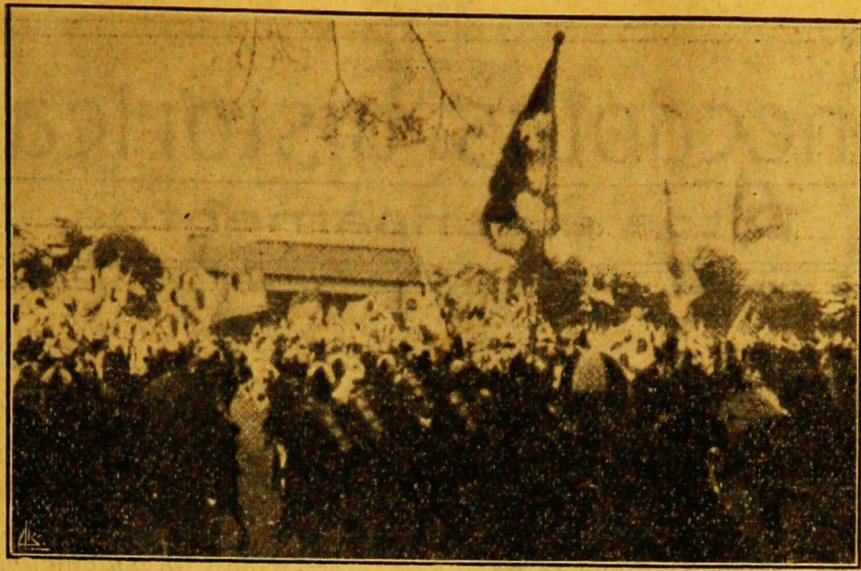


FRANÇA—O enterro d'um official allemão—Um capellão do exercito allemão pronuncia um discurso funebre

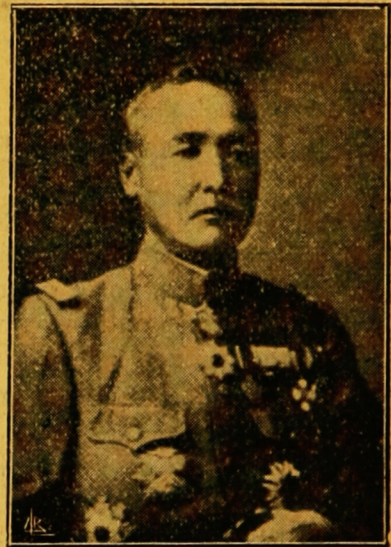
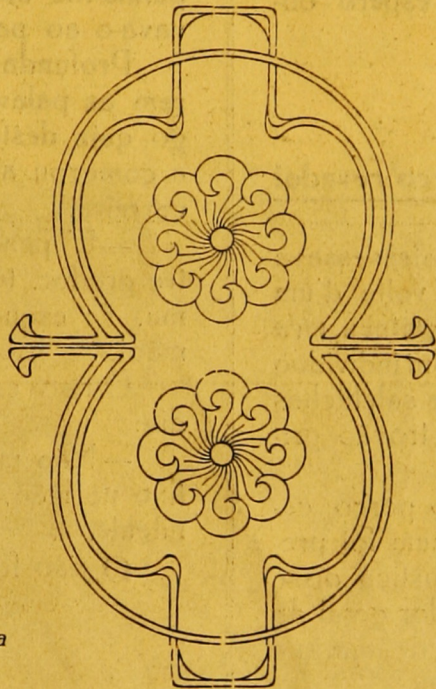
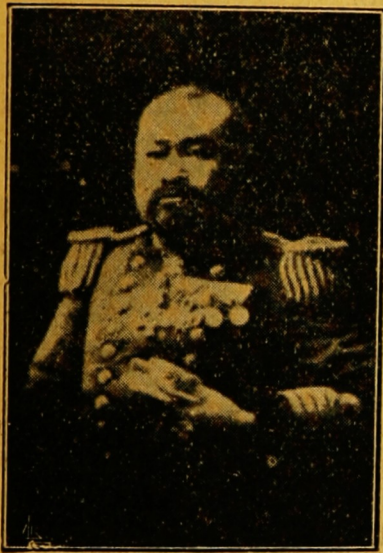


ALLEMANHA—Uma povoação da Prussia oriental destruida pelos russos





Uma manifestação de entusiasmo popular em Tsing-Tao, colonia allemã ultimamente tomada pelos japonczes



O almirante Kato que commendava a armada japoneza durante o assalto a Tsing-Tao

O general Kanio que dirigiu as forças de terra



SERVIA—Forças em marcha para a lucla contra os austriacos

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

José Estevão e Rodrigo da Fonseca

EA accesa a pejeja parlamentar, José Estevão, o fogoso tribuno, dardejara uma tremenda catilinaria contra o ministerio. Rodrigo da Fonseca ergueu-se para responder-lhe:

—Depois do que acaba de dizer o illustre deputado snr. José Estevão ainda espero ouvi-lo affirmar que 2 e 2 não são 4...

—E affirmo, 2 e 2 são 22...

Viva o porco cevado!

Pouco depois da Restauração, atravessava Luiz XVIII as ruas de São-Diniz á volta d'um passeio e por toda a parte o povo gritava *viva o rei!* com caloroso enthusiasmo. Um individuo sahiu de casa trasendo na mão umas salchichas que estava enchendo e com voz de trovão gritou:

—Viva o porco cevado! Viva o porco cevado! Isto causou agitação e o homem foi preso. No dia seguinte o ministro da justiça disse ao rei que a requisição do procurador geral da corôa ia ser processado pelo crime de injuria e offensas a S. M. O rei acudiu logo:

—Trazei-me já o decreto de demissão de um magistrado tão estúpido que pensou e fez publicar que tal grito podia ser applicado á minha pessoa!

Bismark e o charlatão

O chanceler de ferro chamou um dia um medico a quem os collegas alcunhavam de *charlatão*, talvez por lhes fazer sombra. Entrou o homem no quarto de Bismark, a quem fez as costumadas perguntas:

—Que lhe doe? Que tomou? Que costuma fazer durante o dia?

Já importunado, Bismark gritou-lhe:

—Vá-se embora! O senhor enfastia-me, abomino as perguntas.

O medico fez uma venia e ao sahir, disse:

—Principe, um conselho. Chame um veterinario. São os unicos medicos que não fazem perguntas aos doentes...

Bismark festejou a resposta com tanto riso que em breve curou.

Morre impenitente

José Estevão concluiu assim um discurso contra o ministerio de Rodrigo da Fonseca Magalhães:

—Senhor presidente, o povo não conhece os seus direitos; se os conhecesse, agarrava no ministerio, vestia-lhe uma alva de condemnado, punha-lhe uma corda á roda do pescoço e levava-o ao patibulo.

Profunda impressão em toda a camara fizeram as palavras do arrebatado tribuno. Rodrigo quiz desfazer essa impressão desagradavel e começou a responder em voz piedosa e chocarreira:

—E' pena, Santo Deus, é pena que o illustre orador, tendo paramentado tão bem a victima, se esquecesse de lhe pôr o crucifixo na mão!...

O riso esfusiava já mas José Estevão acudiu:

—Não me esqueci, se lhe não puz o crucifixo na mão, é porque o ministerio morre impenitente.

O riso foi estrondosa gargalhada.

Voltaire e Montaigne

Encontrando-se em Paris a ingleza Montaigne com Voltaire e fallando-se de Shakspeare, o humorista francez encerrou assim o capitulo das offensas ao grande dramaturgo:

Fui eu o primeiro que em tempo mostrei aos francezes algumas perolas que encontrei no seu enorme estrume.

N'esse caso, disse a senhora Montaigne alludindo aos diferentes plagiatos de Voltaire, é um estrume que fertilisa uma terra bem ingrata!

* * *

O engano tem dentes alvos e mordedura venenosa. Como serpente, contenta para magoar, e alegre para entristecer.—*Francisco Rodrigues Lobo.*

Uma sociedade de irmãos unidos vale mais que todas as muralhas do mundo.—*Plutarcho.*

TITO FLAVIO.